

AFETOS, PAIXÕES E FEMINISMO – A SOCIOLOGIA DAS EMOÇÕES

Selene Herculano
selene@vm.uff.br

RESUMO: O artigo faz uma resenha não-exaustiva de quando, como e porque o tema apareceu na sociologia nos anos 70-80, a Sociologia das Emoções, estimulada pela entrada de novos atores sociais, como o movimento feminista, e novos olhares sociológicos, como as estratégias de politização do cotidiano de atores movendo-se na esfera dos micropoderes.

PALAVRAS-CHAVE: emoções, sentimentos, sociologia, feminismo

ABSTRACT: this paper is a review about the sociological approaches to the issue of emotions and feelings in the seventies, which had to do with feminism, studies on the women condition and also with the emergence of new social actors and everydaylife politization.

KEY WORDS: emotions, feelings, feminism, sociology

INTRODUÇÃO:

Este artigo faz uma resenha não-exaustiva do tema das emoções visto como uma nova área sociológica surgida nos anos 70-80, a Sociologia das Emoções, estimulada pela entrada de novos atores sociais, como o movimento feminista, e novos olhares sociológicos, como as estratégias de politização do cotidiano de atores movendo-se na esfera dos micropoderes etc... Os textos aqui trabalhados referem-se à sociologia estadounidense e ao pensamento feminista francês e estadounidense daquela fase.

Antes de adentrarem a sociologia, afetos, emoções, paixões eram temas do pensamento filosófico-religioso e da área profissional conhecida como “psi”. Eram enfocados com uma característica moral: como adequar os sentimentos à vida social, qual a sua relação com a virtude, a felicidade. As profissões psi buscaram resgatar os indivíduos do mal-estar provocado pelas próprias emoções. Que novo olhar a sociologia teria trazido?

“Emoções”, “afetos”, “sentimentos”, “paixões”, “afecções da alma”, “apetites” são os termos usados para definir sentimentos humanos. Nem sempre usados indiferentemente. “Afeto” vem do particípio passado do verbo latino *afficere*, que significa tocar, ligar; “emoção” vem de *in motio*, em movimento. Paixão vem de *pathos*, da noção de passividade e doença, algo que nos paralisa. Na tentativa de construção de uma teoria dos sentimentos e de uma sociologia das emoções, esses vocábulos deixam de ser sinônimos. Há nos autores a proposta de separar o que está no plano biológico, da natureza, e o que está no campo social, construído: o campo biológico diria respeito a respostas imediatas e instintivas a estímulos ambientais; o campo social ao que seríamos levados a sentir, ao controle e gerenciamento da sociedade sobre emoções instintivas, tidas como disfuncionais para a vida em sociedade.

Na sociedade contemporânea as categorias sociais subalternas e os grupos étnicos desprestigiados tem sido rotulados como "emocionais": ser emocional é também ser vulnerável. "Don't be emotional" aparece em filmes de língua inglesa, pontuando cenas em que os homens invectivam contra o choro e as reclamações das mulheres. A celeberrima frase de Descartes (1596 –1650) *cogito, ergo sum* (penso, logo existo) viria a ser séculos mais tarde contraposta pelo poeta senegalês Leopold Senghor (1906 – 2001) para “sinto, logo existo”, invertendo a lógica da primazia da razão sobre os sentimentos. Senghor animou um debate sobre o confronto entre políticas culturais européias e africanas, entre racionalismo material europeu apolíneo e o sensualismo panteísta africano dionisíaco. (Para uma certa sociologia francesa, o Brasil se encaixaria neste último aspecto dionisíaco: Clément Rosset (1989) celebrou a “animação e alegria de viver” brasileiros, que estariam impregnados de um sentido de tragédia do tipo “tudo vai mal, sejamos felizes”).

Em Platão, a idéia do Amor, exposta em O Banquete e em Fedro, tinha uma conotação heróica (segundo Lebrun, é de se notar a aproximação etimológica entre Eros e herói). O amor estava ligado à idéia de ascese: amar seria procurar, através de um bem, um bem maior; seria, ainda segundo Lebrun, uma "vertigem para o alto", abandonando o denso e o pesado. Amar é retornar ao seio da beleza plena e tem um sentido de transcendência. Amar é ser imperfeito e mover-se para a perfeição e por isso os deuses não amam, já que são perfeitos. É bem sabido que Platão não tratava do amor entre homem e mulher, mas de um amor entre seres iguais, da mesma categoria social. O grande amante, amador e amado é Sócrates. As mulheres eram inferiores.

Aristóteles (384 a. C. – 322 a. C) concebeu as paixões como algo que escapa à racionalidade. Para ele a alma humana estava cindida em três elementos: paixões, faculdades e disposições de caráter. Uma das suas preocupações era a da construção do homem virtuoso, daquele ser que desenvolve a virtude da temperança (*fronésis*), do controle das paixões, uma vez que a intemperança, o entregar-se às paixões indicaria passividade e inferioridade. O homem que não se domina, que não escolhe suas paixões nem sabe reagir a elas, resistir, seria um ser feminino, portanto inferior (FOUCAULT, 1978: 78). O homem virtuoso aristotélico não apenas agiria convenientemente, mas sentiria convenientemente. Aristóteles nos aconselhava a adestrar nossas paixões para tê-las como auxiliares da razão; virtude, felicidade e prazer estão interligados em Aristóteles (CHAUÍ, 1995).

Para os estóicos¹ as paixões eram estados mórbidos, sendo a virtude a sua ausência, a *apatia* ("*apatéia*"), a *ataraxia* (imperturbabilidade da alma). O autoflagelo nos mosteiros e as figuras dos santos eremitas costumam ser apontados como exemplos da influência do estoicismo no alvorecer da religião católica, marcado por uma atitude de

evitar prazeres e tudo o que viesse a perturbar a serenidade da alma. Não nos parece: flagelar-se, ao contrário, é uma paixão mórbida. Longe de ser algo datado, adiantamos que o Estoicismo parece prática contemporânea, como um distanciamento contra os excessos de estímulos (aquilo que no início do século XX Georgy Simmel detectou como sendo a atitude *blasé*, *indiferente*, do *urbanitas* exposto aos estímulos demasiados da vida metropolitana).

No início do Cristianismo, os afetos estavam fortemente vinculados à noção negativa de pecado (CHAUÍ, 1987). Chauí nos mostra como, no século XVII, Espinosa rompeu com tais concepções, naturalizando Deus e os afetos humanos. Em lugar de hierarquizar corpo e alma, colocou no mesmo plano as idéias, produzidas pela alma, e os efeitos corporais. Os afetos, que estão em nós como o que se passa no nosso corpo, são resultado da relações dos seres entre si e não podem ser reprimidos. Todos os seres afetam e são afetados, isto é, entram em relações uns com os outros e com o seu ambiente. Com Espinosa, a concepção das emoções como algo inferior e associal foi abandonada e ele abriu espaço para que as emoções derivadas da alegria fossem percebidas no seu eixo libertário. Chauí nos mostra que, segundo Espinosa, há três afetos básicos originários: o desejo, a alegria e a tristeza. Deles derivam todos os demais sentimentos: do desejo, derivam a benevolência, a generosidade, a sexualidade, a audácia; da alegria derivam o amor, a amizade, o contentamento; da tristeza derivam o ódio, o medo, a inveja, a humildade, a modéstia, o arrependimento, a vergonha, o ciúme, o orgulho, a ambição. Em seu Tratado Teológico e Político Espinosa transpõe, segundo Chauí, o estudo dos afetos para o campo da política, analisando o medo da plebe: a plebe tem medo porque não delibera sobre si; na sua heteronomia, pede por um poder extraordinário que garanta que o bem venha e o mal não advenha, que impeça o acaso.

¹ O Estoicismo foi uma corrente filosófica do período conhecido como helenístico fundada por Zenão de Citio (335 - 264 a.C.), que teve dentre seus seguidores mais conhecidos Sêneca (4 a. C.–65 d. C.), e o imperador Marco Aurélio (121–180

Nasce Deus e seu mediador na terra - a tirania do poder teológico e político - que teria por função ritualizar e manter o medo. A questão de Espinosa então é: como mudar a opressão social que se faz através do medo? E a sua resposta é: mudando a condição do afeto, quando paixões mais violentas - a fúria e a cólera - substituírem o medo. Porém, fúria e cólera são ainda afetos tristes, derivados da tristeza. Para vencer o medo, é preciso substituí-lo por um dos afetos do sistema da alegria. Assim, Chauí enfatiza como a alegria acaba tendo para Espinosa um conteúdo revolucionário, que dissipa a estrutura social tirânica.

O medo sentido pelo povo foi abordado também por Nietzsche (1844 – 1900) de outra forma, enfocando o ressentimento, segundo ele um dos componentes básicos da moral do escravo. O ressentimento viria da impotência, de sentimentos represados de vingança e da impossibilidade de agir em conflito. A moralidade cristã do amor e da caridade nada mais seriam senão um disfarce do ódio e do medo dos mais fracos aos mais fortes. Max Scheler (1874-1928) discordou: a moral cristã não seria a moral dos fracos e sim a dos homens virtualmente superiores. O que fez erodir a moralidade cristã foram os valores ocidentais socialistas, as tendências humanitárias, democráticas e benevolentes. O ressentimento, segundo Scheler, teria um sentido de identidade social, encontrando-se mais entre os artesãos, a pequena burguesia e a mulher. Esta, segundo Scheler, viveria em situações recorrentes de ressentimento, por ser o sexo mais fraco e porque tanto a natureza quanto os costumes lhe imporiam um papel reativo e passivo.

Henri Bergson (1913) chamou nossa atenção para o papel constitutivo das emoções na manutenção das normas e da ordem, através da ridicularização, do riso, que seria uma punição aos que ousariam ficar fora do círculo de giz das convenções sociais.

AS EMOÇÕES NO SEU LUGAR: NA BIOLOGIA

Eis o debate clássico: seriam as emoções instintivas, biológicas, determinadas pela natureza, portanto inatas e universais? Ou seriam, ao contrário, cognitivas, aprendidas, culturalmente determinadas? Na literatura de língua inglesa, essa polêmica é referida como o "nature x nurture argument". Darwin (1809 –1882) é a matriz inspiradora das emoções como instintivas e inatas. Segundo ele, há similaridades nas respostas dos humanos e dos animais aos estímulos ambientais e isto teria a ver com o princípio da sobrevivência. As emoções colocam os animais em movimento. Seriam fixas, isto é despontariam nos indivíduos sempre de maneira similar, fossem eles selvagens ou civilizados, seres de nosso século, nossos ancestrais ou nossa descendência futura. Baseados em Darwin, alguns estudos foram feitos tentando relacionar emoções a expressões faciais específicas, tentando isolar e identificar emoções primárias a partir de configurações fisionômicas (EKMAN, 2003).

Um outro debate dizia respeito à unicidade ou diversidade dos processos físicos das emoções. Stanley Schachter e Jerome Singer (1962) acreditavam que os processos físicos das emoções seriam os mesmos, quer sintamos raiva, medo, amor etc. Os sociólogos construtivistas iriam tomar por base esses experimentos iniciais para enfatizar que o que faria diferir a experiência emocional seria o rótulo e o cenário social, dando como evidência de que as emoções seriam definidas e construídas socialmente. Quase três décadas depois, o neurocientista Antonio Damásio (1996) aclarou a questão, colocando-a em termos mais complexos. Segundo ele, emoções são um programa complexo de ações diferenciadas do nosso corpo respondendo a estímulos distintos: há emoções primárias (medo, raiva etc) vividas em situações evolucionais, há emoções sociais, resultantes de um ambiente sócio-cultural vivenciado em situação individual e há as emoções de fundo, difusas. Emoções seriam corporais e públicas enquanto os sentimentos seriam a sua vivência pela mente, seriam a percepção certa ou errada de um

estado e que podem ser ocultados. Mas nos anos aos quais nos referimos Damasio ainda não havia despontado...

AS EMOÇÕES NO SEU LUGAR: NAS CIÊNCIAS PSI E NA LITERATURA

Na psicologia pré-freudiana (RIBOT, 1915), as paixões e as emoções são conceitualmente diferentes: emoção seria uma ruptura de equilíbrio, algo brusco, intenso e breve, uma obra da natureza, que começa por um choque que coloca alguém em movimento, em reação; na paixão, ao contrário, predominaria um estado intelectual, pois a paixão tem estabilidade e duração relativas, seria obra do pensamento e da reflexão aplicados aos nossos instintos. Enquanto a emoção viveria no presente, sendo a resposta imediata dos nossos órgãos, a paixão se estenderia para o passado e o futuro.

Na sua origem freudiana, a psicanálise viu emoções e paixões como associadas, forças que nós domamos e sublimamos em prol da civilização e da sociedade, mas cujo recalque nos adoce a alma (FREUD, 1981, v III, pp 3017). O tratamento dado por Freud aos males da alma é um processo racional, investigativo: falar sobre o passado, descobrir relações, identificar experiências traumatizantes passadas, desvendá-las e, assim identificadas a causa, estaríamos conseqüentemente livres dos nossos tormentos.

Nos anos 70 as emoções se revestiram de um aspecto positivo no mundo psi e passaram a ter sua exteriorização e vivência estimuladas, principalmente a partir das chamadas terapias californianas, influenciadas por inspirações não-racionalizantes do pensamento oriental reativadas pelo movimento hippie. Na Análise Transacional – AT dos anos 80 (BERNE, 1980), por exemplo, a terapia consistia no toque físico, na vivência emocional, na substituição das emoções ditas falsas ou substitutas pelas emoções ditas reais. O tratamento não seria racionalizante, falar sobre, mas sensitivo. Por exemplo, a depressão era vista pela AT como uma emoção falsa ou substituta, por ser uma exteriorização inconsciente das emoções reais, primárias, de raiva e de tristeza, e se instalava na medida em que o ser humano recebe mandatos sociais nos quais a raiva e a

tristeza são desqualificados como sentimentos negativos e quase proibidos. Uma derivação da AT, a biodança, se propôs a tratar sentimentos tristes pela dança, pela modificação da postura corporal, pela expansividade dos movimentos.

Na literatura, as emoções são o cerne de grandes dramas. O romance europeu mostraria a vida de uma sociedade individualista e que experimentava suas emoções como algo que limita e entristece o ser humano (GOLDMANN, 1964). Mas haveria, segundo Agnes Heller, uma diferença crucial na literatura entre suas fases romântica burguesa e contemporânea: na primeira (em romances como "Heloísa", de Rousseau, "Werther", de Goethe, "Justine", de Sade e "Emma", de Jane Austen), havia uma exacerbação dos sentimentos, onde era necessário sentir constantemente, render-se à beleza do sentimento, enquanto que na literatura contemporânea européia (as obras de Kafka, a poesia de T.S. Eliot, o "Homem sem Qualidades", de Musil, a "Montanha Mágica de Thomas Mann), os sentimentos são os grandes ausentes, derrotados por uma sociedade totalitária ou absurda. O herói desta literatura foi definido como vazio, perplexo e melancólico (HELLER, 1979).

Em trabalho mais recente, Márcia C. Wanderley, ao se debruçar sobre a produção literária recente de escritoras brasileiras, identifica passagens, fases nas quais as autoras começam com textos eivados de solipsismo, de mulheres voltadas para seu mundo interior, onde se fala de sentimentos afogados pelo ambiente da família patriarcal, de lamúrias de protagonistas confinadas, angustiadas ou perdedoras, passam pela romantização de figuras históricas, tomando de empréstimo suas ações e vivências e chegam aos dias correntes oscilando entre narrativas de sadismo social, violência, sexo fugaz e a descrição da solidão prática de mulheres nos não-lugares copacabanenses (FIALHO, in Wanderley, 2011: 96), mulheres que fazem lembrar o herói contemporâneo vazio e perplexo descrito por Agnes Heller.

A se aceitar que os heróis da literatura hodierna sejam abúlicos, perplexos, faz sentido a transmigração das emoções para outras esferas, saindo do romance e se espalhando pelo ensaio e pelos manuais de bem-viver.

AS EMOÇÕES FORA DE SEU LUGAR: OS SENTIMENTOS NA SOCIOLOGIA

A Sociologia clássica não se deteve muito nas emoções et *pour cause*, pois seu interesse estava na busca da compreensão das forças sociais totais, mas vale destacar alguns aspectos: em *As regras do Método Sociológico*, Durkheim definiu o objeto de estudo da Sociologia, os fatos sociais, como sendo "maneiras de pensar, agir e *sentir* (grifo nosso), que são exteriores ao indivíduo, dotadas de um poder de coerção em virtude do qual se lhe impõem". Ou seja, os sentimentos são construídos socialmente, tanto quanto as nossas ações e idéias. Weber (*Economia e Sociedade*) enfatizou a diferença entre as comunidades, onde há espaço para a afetividade, e a sociedade, que se pretende regida pela racionalidade e pela funcionalidade. Falou-nos também do carisma, do amor e atração que um líder desperta em seus liderados e na consequente produção de mudanças em suma sociedade em transição.

Quanto a Marx, em uma primeira leitura pouco haveria na sua teoria a respeito da questão dos indivíduos e suas emoções, uma vez que sua unidade de análise são as classes sociais em seus conflitos e não os seres humanos particulares. No entanto, ao se referir à religião como ópio do povo e aos amores pátrios como instrumento de manipulação da burguesia sobre o proletariado, parece reconhecer implicitamente a presença e eficácia de uma dimensão emocional na dominação político-ideológica vinculada à exploração econômica. No tema da alienação está implícito o sofrimento do trabalhador: embora a alienação seja uma questão objetiva, como ele próprio frisa, essas múltiplas perdas (dos instrumentos, do conhecimento técnico, do tempo de vida, do produto final do seu trabalho) implicam também no sofrimento de sua coisificação. A

marxista discípula de Lukács, Agnes Heller, fez uma releitura de Marx, buscando nele o indivíduo e seus sentimentos. Heller também distinguiu afetos de sentimentos: os afetos seriam resultados instintivos a estímulos externos (medo, raiva, alegria e tristeza) e os sentimentos seriam cognitivos, situacionais e aprendidos. Toda sociedade regula a intensidade da expressão dos sentimentos através dos costumes e ritos sociais e toda época tem sentimentos dominantes. Agir, pensar e sentir são um processo unificado, diz a filósofa, pois não existe pensamento sem sentimento, nem sentimento sem conceituação, nem ação sem ambos. No entanto, na vida contemporânea cotidiana e na construção científica, eles aparecem separados, cindidos. Na época burguesa contemporânea, os sentimentos seriam menos naturais e mais reflexivos, havendo uma modelação consciente do mundo emocional. Nela o indivíduo se sente problemático e consciente de si mesmo como problemático. A gestão dos sentimentos é mais individual e se dá menos pelas normas e costumes.

Existem exemplos vários de estudos pioneiros do campo sociológico sobre sentimentos isolados - Simmel, em 1905 sobre a indiferença e a atitude *blasé* do urbanitas; Davis em 1936 sobre ciúme, Goffman em 1956 sobre embaraço, Lynd em 1958 sobre vergonha, Goode em 1959 sobre amor, Coser em 1959 sobre Humor, Schoek em 1966 sobre inveja,, etc (GORDON, 1981; BARBALET, 2002).

Vilfredo Pareto (1848 – 1923), conhecido também no campo da Economia e da Matemática, trouxe para a sociologia, além da teoria das elites, a noção de ações não-lógicas e os conceitos de “resíduos” (estados de espírito) e “derivações” (as instituições sociais). Segundo Pareto, a nossa tendência humana é a de transformar a ação não-lógica – nossos estados de espírito - em ação lógica, atribuindo-lhe a posteriori um sentido e uma aparência lógica.

A sociologia do final dos anos 60 começou a olhar para as emoções como um provável objeto de seu estudo pelo viés das funções. Para que servem as emoções, que

papel cumprem? Na perspectiva funcionalista sobre as funções sociais das emoções há estudos sobre o "joking relations", a forma de dizer verdades "brincando" e sobre o sarcasmo como retórica de interação em uma relação triádica (aquele que fala sarcásticamente, seu objeto/vítima e a audiência). No campo antropológico, o riso foi analisado em oposição à concepção de Bergson, acima referida, pois seria um meio de socialização, diminuindo diferenças e distância social e afirmando valores comuns, a bem da funcionalidade, pois o riso criaria consenso de grupo e seria a marca da aceitação e da suspensão, pelo menos temporária, das barreiras sociais (COSER, 1967).

AS EMOÇÕES FORA DE SEU LUGAR: UMA SOCIOLOGIA DAS EMOÇÕES

Foi nos anos 70 que surgiu especificamente uma sociologia das emoções, até com correntes teóricas contrastantes, o construcionismo e o positivismo (KEMPER, 1981; SHILLING, 2002). O construcionismo mostrava como as influências sociais permeiam e gerenciam não apenas a exteriorização ou ocultação dos afetos, mas sua própria construção e modulação. Hochschild (1977) propôs o conceito de "*emotion work*" para descrever a tentativa que fazemos para alterar, em grau e em qualidade, uma emoção. Não se trata de ocultar um estado emocional, mas de modelá-lo, inibindo ou induzindo sentimentos. Para a autora, o objeto de estudo de uma sociologia dos afetos seriam as regras do sentimento (*feeling rules*) que, em verdade, criariam sentimentos. Na mesma linha Shott (1979), após demonstrar que o controle social se realiza pelo auto-controle, explicava que este auto-controle funciona via gerenciamento dos sentimentos, uma vez que as normas sociais pressionariam para estabelecer a adequação de um dado sentimento a cada situação particular.

A teoria construcionista foi criticada por Kemper por separar as emoções de sua base fisiológica. Para os positivistas, nos quais Kemper parece se incluir, as regras

sociais são epifenômeno, elas não produzem emoções. Os sentimentos foram correlacionados às classes sociais e a seus conflitos (GORDON, 1981) e teriam a ver com a suspensão das normas: segundo o autor, o despertar de emoções (*arousal*) ocorre em situações de interrupção ou de antecipação dos padrões de interações sociais.

O novo interesse da sociologia pelas emoções estava ligado à politização das relações pessoais e do cotidiano e à perda relativa de importância dos enfrentamentos tradicionais (esquerda/direita, liberalismo/conservadorismo, revolução/reforma) diante de novas questões como a deterioração ambiental, aos armamentos nucleares etc. A sociologia enxergava novas categorias de atores e pautas de luta, categorias advindas do concreto, inseridas nas práticas cotidianas do aqui e agora por categorias subordinadas ou à margem, que se movem no campo dos micro ou contra-poderes: gênero, idade, comunidades. É interessante notar, porém, que todo esse novo enfoque, embora tachado de irracionalista por seus críticos, assim não se via: seus seguidores se diziam construtores de uma nova racionalidade, que, além de colocar em cheque a reduzida racionalidade instrumental do mundo moderno, celebraria as emoções humanas como um dos vetores ou canais que indicam e constroem algo novo.

Pelo exposto até aqui, a concepção que a sociologia das emoções criara para estudar emoções/sentimentos tinha um cunho racional: eles são instrumentos de dominação ou de insurgência contra a dominação; são formas de controle social ou de recusa a este controle; são produzidos pela sociedade etc. Mas houve uma vertente sociológica que investiu no cunho não-racional das ações sociais. O tema dos afetos e sentimentos, apenas esboçado por Pareto no seu não-racionalismo, figurou a partir dos anos 80 nos textos de Collins (1981) e na sociologia estética e irracionalista de Maffesoli (1984).

Collins argumentou que a racionalidade social tem bases não-rationais, pois o próprio raciocínio humano tem bases não-rationais. Para ele, o que mantém a sociedade

não seriam acordos e entendimentos racionais e sim processos emocionais profundos, que produzem laços sociais de confiança e de solidariedade entre as pessoas (ou, acrescentaríamos, de desconfiança e de hostilidade). A racionalidade seria construída a posteriori, no relato, não estaria na estrutura do acontecimento social, onde estão, na verdade, os afetos. O social, isto é, a sociedade, não teria muito sentido lógico, não seria resultado nem arena e sim um processo contínuo de miríades de seres humanos muito concretos em sua não-racionalidade. O mecanismo da estrutura social seria formado por ações repetitivas IRC (*interactional ritual chains*), que não teriam motivações de cálculo racional. O micro-comportamento da vida cotidiana não seguiria modelos racionais competitivos e decisórios e a sociedade seria uma corrente de situações interacionais.

Maffesoli, na vertente não-racional da sociologia francesa, fez a defesa da banalidade, dos encontros festivos, das novas tribos pós-modernas que se formam buscando o estar junto, o sentido estético do experimentar e sentir junto. Para ele, a sociologia deveria se desembaraçar dos grandes sistemas causais, Marx e Freud estariam saturados. Novos fenômenos, como o hedonismo, a saturação da instância política, o fracasso do mito prometico do progresso, a perdurância do fenômeno religioso não seriam explicados por eles.

Críticos como Rouanet dizem que tais perspectivas configuram nada mais que um novo irracionalismo. Jovens, desencantados com a modernidade, rejeitavam sua razão louca, identificando-a com a razão econômica e a razão de Estado, declarando-a como inimiga da vida, voltando-se, a partir daí, para o irracionalismo e para o anti-intelectualismo. Esses novos atores e seus movimentos sociais seriam para ele resultantes do liberalismo moderno que, com sua doutrina de direitos humanos, teria aberto um campo inesgotável para o surgimento de novos direitos, defendidos por novos protagonistas. Rouanet lamenta que o cidadão de Rousseau tenha sido reduzido ao particular - mulher, negro, judeu, homossexual - e que a política tenha deixado de ser

genérica e se faça específica. O que Lyotard (1979) salientou ser um traço característico do pós-moderno - a legitimação do heterogêneo, a aceitação da diferença, a ênfase sobre os valores da vida e da espontaneidade, a pluralidade ética, Rouanet minimizou, dizendo significar apenas um desejo de ruptura e um cansaço com as tortuosidades patológicas assumidas pela racionalidade moderna.

Gouldner, ao refletir sobre a crise da sociologia ocidental, observou que:

"... se estudarmos as pessoas como não-pessoas, isto é, como coisas, o que aprendermos sobre elas será aplicável apenas na medida em que forem coisas".
(Gouldner, 1970: 426)

Porém, se uma sociologia que vê as pessoas como coisas não é aplicável em uma sociedade na qual as pessoas não estão reificadas, o oposto também procede: como desenvolver uma sociologia do indivíduo e da afetividade num mundo social habitado por máquinas embotadas?

Heller escolheu o caminho da crítica e da denúncia e da retomada de Marx: toda sociedade, segundo a autora, regula a intensidade da expressão de seus sentimentos e cada época têm sentimentos dominantes. Para ela, o sentimento dominante de nossa época seria a melancolia, representando a perda do mundo e a incapacidade de exercer influência sobre ele, e que é medicalizada. Na época atual, que ela, como marxista, chama de burguesa, os sentimentos seriam menos naturais e mais reflexivos, havendo uma modulação consciente do mundo emocional. O burguês se sentiria problemático e consciente de si mesmo como problemático, fazendo uma gestão de seus sentimentos. Segundo Heller, o cultivo dos afetos teria ficado na esfera privada, enquanto que na vida social a afetividade continuaria rechaçada como algo irracional.

Um caminho oposto foi o trilhado por Maffesoli, enxergando um outro mundo social, o espaço/tempo da socialidade, no qual as pessoas não estão reificadas e no qual a afetividade é vivida sem maiores cerceamentos. Neste mundo de Maffesoli não existem

indivíduos, e sim personas, o que não constitui para ele nada de negativo: são seres mutantes, a viver alegremente a convivialidade do aqui e agora e o vitalismo das massas.

AS EMOÇÕES EM UM OUTRO LUGAR: O FEMINISMO E OS ESTUDOS DA CONDIÇÃO FEMININA

Na Sociologia das Emoções, como vimos, as afecções da alma foram examinadas através de uma perspectiva racionalista que as via como resultado do controle social sobre os instintos. Trataremos agora de uma primeira corrente do feminismo que adotou esta perspectiva racionalista e da qual Betty Friedan (1971) e Elizabeth Badinter (1981) são paradigmas. Friedan explicou a subordinação feminina pelo lado ideológico, pela disseminação da crença no amor e na feminilidade, maquiavelicamente arquitetada pelos homens para reter as mulheres no recesso do lar, ao largo da competição da esfera do trabalho. O “problema sem nome” - que causava mal-estar às estadunidenses e as fazia buscar seu senso de identidade e objetivo de vida na mera aquisição de objetos - tinha sua origem no imaginário criado pela mídia de após-guerra, que gerou a mística feminina, baseada no casamento feliz e em róseos bebês, de maneira a fazer com que as mulheres voltassem alegremente para casa, devolvendo aos homens seus postos de trabalho, por elas ocupado durante a segunda guerra mundial. Badinter explorou o mesmo veio, definindo o amor romântico e materno como produtos culturais burgueses elaborados a partir do século XVII. Ambas são seguidoras de Simone de Beauvoir (1970). Ficou célebre a frase de sua autoria: “não se nasce mulher, torna-se mulher”

O feminismo de Beauvoir, Friedan e Badinter repudiava o amor romântico e maternal como instrumentos de subjugação das mulheres aos homens. Para Simone de Beauvoir, a maternidade era uma situação criada como única saída para a mulher em sociedades nas quais "a lei ou os costumes impõem-lhe o casamento, proibem as

medidas anticoncepcionais, o aborto e o divórcio". Negando qualquer determinismo da natureza sobre a maternidade, a autora não apenas invocava exemplos entre outras espécies animais, nas quais a maternidade é indistinta para macho e fêmea, como renegava a fisiologia feminina, que identificava unicamente com a função da maternidade.

Escreveu ela:

"As glândulas mamárias [...] nenhum papel desempenham na economia individual da mulher (grifo nosso) podendo-se proceder à sua ablação em qualquer momento da sua vida (p. 47) "Não há nenhuma finalidade individual no ciclo menstrual"(1970:p. 48)

Dezessete anos após, Badinter, com base em pesquisa histórica e em dados estatísticos sobre a mortalidade infantil na França, concluiu pela inexistência do amor maternal como valor familiar e social antes do século XVIII. Para a autora, o amor maternal se não existia, não era portanto instintivo, tendo sido uma criação cultural e histórica dos séculos XIX e XX. Badinter dava prosseguimento a uma linha de argumentação feminista de cunho psicanalítico que suspeitava de toda forma de amor: Kate Millet também havia denunciado a "*sexual politics*" que criara o amor romântico como uma máscara da situação feminina (MILLET, 1970:51); Juliet Mitchel, em 1974, fez uma análise crítica e feminista da teoria freudiana da sexualidade e mostrava que a ordem patriarcal e os saberes *psí* haviam se juntado na opressão à mulher e que este patriarcado não teria fim pela mera superação da economia capitalista, como era o pensamento de um feminismo socialista. Outra obra feminista de expressão nos anos 70 foi A Dialética do sexo, de Shulamith Firestone (1970), que invectivava contra os papéis femininos, em especial contra a vinculação das mulheres às crianças e contra a cultura do romance e seu aparato cultural: o erotismo, a erotomania e o ideal da beleza.

Depois da cartase contra as emoções e a fisiologia feminina, o feminismo mudou, e uma nova corrente se formou, assumindo a posição simétrica oposta: as mulheres são superiores por serem instintivas, emocionais e mais ligadas à natureza. A partir de

meados dos anos 80, as mulheres reverteram o raciocínio e revalorizaram as emoções. "Homens, emocionem-se!", conclamava entre nós a jornalista e feminista Neila Tavares: *"... descobri que aí se instala a verdadeira questão feminina: na emoção. A mulher explodiu, porque explodiu sua emoção. Rompeu com o silêncio de séculos porque o peito transbordou. Ela tem a coragem dos emocionados, a força e a graça dos emocionados. A mais revolucionária das reivindicações femininas é o espaço para as emoções...A independência financeira, o direito ao corpo, a ampliação do espaço do trabalho, tudo isso por que lutam as mulheres não seria nada se não viesse com a força transformadora do espaço emotivo. E não só para si mesmas. Porque é a mulher principalmente que reivindica o direito masculino de se emocionar, inclusive o direito do homem à participação na vida dos filhos, nos partos, licença pós-parto etc. Mulher quer, gosta, precisa se emocionar. Compreende melhor o mundo através da emoção. E deseja, acima de tudo, um homem emocionado. Homens, emocionem-se. Emocionem-se o mais depressa possível. Emocionem-se, pelo amor de Deus".* Neila Tavares (JB 30/11/86).

Mas alguns homens já haviam defendido o direito a se emocionarem: no Manifesto Masculinista lançado em Pernambuco em 1985, os homens do Movimento Masculinista assim afirmavam: *"abaixo a máscara da fortaleza masculina!; Pelo direito de assumir nossas fragilidades! Pela liberação da lágrima! Proclamamos que nas coisas de coração e cotovelo todo homem é igual a qualquer mocinha".*²

Como analisou Rouanet, "as regras de sujeição são também as regras de subjetivação" (1993, p. 176). Ou seja, aquilo que subordina a pessoa, também dá forma à sua agência. A maternidade foi revalorizada através das mães heroínas que clamam por

² O Manifesto Masculinista tornou-se público em setembro de 85, nas páginas do "Rei da Notícia", jornal de humor editado no Recife até 1988. Posteriormente reproduzido no Pasquim (ed. 848, Rio 10/10 a 16/10/85), estimulou o manifesto do MMC – Movimento Masculinista Carioca. Foi comentado em artigo da Palyboy (ed. 34, set/86), transcrito com algumas alterações no jornal feminista Mulherio nº 25, SP, março-agosto/86. Fonte: <http://humorsempreaesquerda.blogspot.com/2008/09/manifesto-masculinista.html>, capturado em 8 de março de 2011.

seus filhos. Na Argentina, as ditas “*locas de la Plaza de Mayo*” tornaram-se o exemplo das lutadoras que, usando o arquétipo sacralizado da mãe que chora seu filho, tornaram-se as heroínas que confrontavam de forma inatacável, em praça pública, a partir de 1977, um governo violento e sanguinário, ao clamar por seus filhos desaparecidos, sequestrados pela ditadura. O sentimento de amor materno, que Friedan e Badinter estigmatizaram tornara-se o instrumento possível de contestação ao regime ditatorial nos anos 70.

Nos anos 90, com o avanço da temática ambiental, o debate dentro do movimento feminista em torno da questão “nature-nurture” (a idéia de uma essência feminina versus a idéia da construção sócio-cultural dos gêneros) tomou outra direção e a proximidade da mulher com a natureza foi lembrada como argumento da naturalidade do protagonismo feminino nas lutas ambientais. Vandana Chiva (1991) foi uma das ativistas que mais enfatizou este protagonismo, todavia sem lançar lenha neste falso debate e sim unindo ambos os aspectos, quando retratou o movimento Chipko das mulheres das florestas indianas em 1973, defendendo seu meio de sustento ao se abraçarem às árvores que seriam derrubadas.

CONCLUSÕES

A teorização sociológica sobre as emoções, situada no período enfocado, resultou de um debate sobre a relação entre as esferas micro e macro da vida social, sobre a percepção/desejo de uma mudança para melhor e que adviria de novos atores sociais, como os jovens e as mulheres. Muita coisa efetivamente mudou nestes 40 anos, principalmente no campo das liberdades individuais e na percepção, trazida pelo ambientalismo, de que somos animais, dependentes e afetados pela natureza. Mas, e os afetos?

Discordamos de Heller: as emoções e sentimentos não parecem condicionados ao mundo privado, tampouco restringidos; ao contrário, são novas mercadorias: desde as

avozinhas diaristas japonesas, contratadas para serem avós por um dia, até a exploração mercantil e midiática das celebridades em suas intimidades e sentimentos; desde a vivência afetiva, remota e virtual, mas pública, na internet até os atrativos de uma estética cinematográfica com sua mercadoria que é a violência extrema e glamurizada; da ritualização das festas raves e punks até a mercantilização da alegria pela indústria cultural dos mega-espetáculos. Ao mesmo tempo e complementando dialeticamente esta exacerbação pública, há também uma ataraxia generalizada diante de tantos estímulos da informação, vindos de um mundo sobre o qual não se pode agir.

Apesar do objetivo deste artigo ter sido fazer uma resenha datada, isto é, sobre quando, como e porque o tema da Sociologia das Emoções apareceu no campo sociológico dos anos 70-80, procurei ver como a temática havia evoluído presentemente, qual a sua agenda atual. Haverá alguma contribuição nova da sociologia para o estudo das emoções e sentimentos, que as ciências psi já não tenham abordado ou que já não estejam representadas na resenha acima? Apresento uma breve apreciação sobre coletaneas recentes:

KEMPER (1990) produziu uma coletânea identificando os temas presentes na agenda daquele período – 1990 - e apontando questões para “*further research*”. Esta coletânea de 1990 trata de orgulho e vergonha (Sheff), o papel das emoções na confirmação e desconfirmação de identidades (Smith-Lovin), o gerenciamento e controle emocional (Hochschild; Heise), os efeitos da estrutura social sobre as emoções (Gordon), as emoções na micropolítica do cotidiano (Clark). Até aqui sem novidades. Para Kemper, a sociologia clássica considerava as emoções sim, mas de forma implícita, por conta de seu nível de abstração e de agregação. O que a sociologia das emoções teria feito foi explicitá-las. Os pontos sugeridos por Turner para novas pesquisas giravam em torno de uma tentativa de macroteoria sociológica para as emoções e em estudos que enfoquem o que chama de EE, isto é, energia emocional e sua estrita relação com a hierarquia grupal.

(Mais recentemente, como veremos adiante ao mencionarmos a coletânea editada por Jack Barbalet, Kemper está presente com um estudo sobre a predição de emoções em grupos, tomando como base da sua reflexão o episódio de 11 de setembro e da derrubada das torres do World Trade Center por ação terrorista.)

BENDELOW & GILLIAN (em coletânea de 1998 e reimpressa em 2005) identificam os temas críticos e contemporâneos. Os autores nela presentes fazem uma releitura de sociólogos e filósofos à luz do tema das emoções, garimpando seus textos: a relação entre a ação comunicativa de Habermas e as emoções (Crossley); o sentimento *blasé*, indiferente e entediado, identificado por Simmel como sendo a psique do urbanitas de 1905, agora utilizado por Tester para examinar o comportamento dos espectadores de TV nesta nossa era midiática, frente às imagens frequentes de guerra e violência; o mundo virtual do cyberspaço, seus limites e suas oportunidades, com a formação de comunidades virtuais, são foco de reflexões (Denzin; Williams). Especificidades de algumas emoções são vistas em correlação com fases do ciclo vital (infância, por Prendergast & Forrest; velhice por Hepworth). As relações conjugais de casais heterossexuais é enfocada em pesquisa empírica de Duncombe e Marsden, de título que remete aos modelos das “Stepford wives” e seus “hollow men (homens ociosos)”³. Ainda na mesma coletânea, as mudanças trazidas pela revolução sexual dos anos 60-70 são examinadas por Wouters, colocando o foco nas transformações no jogo da sedução e da intimidade (temas caros aos celebrados sociólogos Giddens, Sennett e Bauman em suas obras a respeito da pós-modernidade). O gerenciamento das emoções na esfera profissional da saúde e seu manuseio por enfermeiras é a temática desenvolvida por Freund e que encerra esta coletânea.

³ Stepford wives é o título de um filme de 1975, dirigido por Bryan Forbes, com roteiro de Ira Levin e baseado em peça de William Golding, que retrata uma comunidade idílica em Connecticut, formada por esposas perfeitas e que na realidade eram robots criados por seus maridos, engenheiros de eletrônica avançada, após assassinares as respectivas de carne e osso.

Em 2002, Barbalet edita uma coletânea específica sobre o olhar da sociologia sobre as emoções. Ele abre a coletânea com um artigo sobre a necessidade das emoções, pois elas guiam as ações sociais e dão estabilidade à ordem social, que se baseia nelas e não na força coercitiva. Além da contribuição de Kemper, já citado, há também um artigo sobre as duas tradições da sociologia clássica (Comte e Durkheim, sobre a ordem social e o equilíbrio e Weber e Simmel, sobre as interações (Shilling)). A relação entre a economia e as emoções é apontada por Jocelyn Pixley, que pouco tempo depois publicou um livro solo sobre o mesmo tema, colocando seu foco nos sentimentos de desconfiança e de incerteza que a economia contemporânea suscita (PIXLEY, 2004).

TURNER & STETS (2005), após inventariarem emoções primárias e secundárias (medo, raiva, tristeza e alegria e suas derivações tais como culpa, vergonha, ansiedade, ciúme, inveja, orgulho, saudade, esperança, depressão etc.), reiteram como elas influenciam e são influenciadas pelo mundo social, por exemplo: como a raiva vem da percepção de um mal ou ameaça de mal, o ciúme da percepção de uma situação invasiva, a gratidão do alívio etc. Seu livro resenha teorias sociológicas já mencionadas (como a dramaturgia de Goffman, o interacionismo simbólico) para argumentar que a mudança do desinteresse sociológico para a teorização social das emoções nas três últimas décadas se deveu à mudança de foco em favor da microssociologia, o que, por sua vez, tem a ver com o desencanto com as grandes narrativas e com a perda de sentido das grandes explicações. TURNER E STETS conciliam o componente biológico com a percepção da situação social: as emoções tem componentes universais, corpóreos, por conta dos sistemas ativados pelo cérebro, tais como o sistema nervoso, o sistema neurotransmissor, o sistema hormonal, o sistema muscular, porém os neurocientistas deixam de explicar como se processa a seleção e identificação das pressões sócio-culturais que detonam as emoções. A inovação trazida por estes autores

está aí, na menção a estes novos especialistas, os neurocientistas. Pessoalmente, causa-me estranheza que os neurocientistas tendam a “personalizar” o cérebro (“o cérebro quer” etc.)

Finalmente, em 2008 uma coletânea interdisciplinar é publicada, editada por Michael Lewis *et alli*, reunindo as contribuições da filosofia (Solomon), da história (Stearns), das artes (Laird & Oatley), além das contribuições mais numerosas da psicofisiologia e da neurociência. Nesta coletânea – *The Handbook of Emotions* - o olhar sociológico comparece com uma reflexão sobre gênero e emoção (Brody & Hall), o já bem trabalhado assunto acerca das funções sociais das emoções (Fisher & Manstead) e o texto de Stearns sobre uma história das emoções, onde emoções dominantes aparecem como características de diferentes épocas. É um texto similar ao de Agnes Heller, acima citada, mas cujo nome não aparece nas referências bibliográficas.

Tentamos dar os contornos do debate recente da sociologia sobre as emoções. Mas, e o feminismo? Haverá inovações?

Há na internet um site bem ilustrativo e que se chama “Ainda feminista” (“Encore feministe”). Trata-se de uma rede feminista internacional que foi lançada em 2001, pela historiadora francesa Florence Montreynaud, com um manifesto onde se arrolavam os “vinte motivos” para ainda se ser “ainda feminista”, convidando cada um a acrescentar outros.⁴ Os vinte motivos estão no campo da racionalidade, mas Montreynaud apela

⁴ Os vinte motivos porque somos ainda Feministas: 1. Porque nos queremos um mundo de paz e de justiça, onde a dignidade humana seja respeitada. 2. Porque pedimos que homens e mulheres sejam iguais em dignidade, iguais em direitos e que estes direitos sejam aplicados. 3. Porque dois terços dos analfabetos no mundo são mulheres e raparigas. Porque 99% das terras cultivadas no mundo pertencem a homens, apesar de as mulheres produzirem 70% das culturas alimentares. Porque as mulheres são 70% das mais pobres no mundo. 5. Porque 84% das pessoas que pertencem ao parlamento no mundo são homens, apesar das mulheres constituírem metade do eleitorado. 6. Porque em nenhum país as mulheres possuem realmente direitos iguais aos homens. Porque no Afeganistão, as mulheres sofrem uma barbárie e são privadas de todos os direitos. 7. Porque em França, com o mesmo trabalho os homens ganham cerca de 15% mais do que as mulheres e em média, em qualquer profissão os homens ganham 25% a mais. 8. Porque os homens só assumem cerca de 20% das tarefas domésticas, bem como o cuidado com os filhos,

também para o sentimento de irmandade, que ela chama de “*adelphité*”, exprimindo um sentimento a imaginar, a sonhar, a realizar. A palavra é formada sobre a raiz grega *adelph*, significando irmã e irmão e designando as relações solidárias e harmoniosas entre seres humanos: homem e mulher.

Funções sociais, adequação social, criação coletiva das emoções são, como vimos, os enfoques mais freqüentes da sociologia das emoções. Exacerbação romântica e ataraxia contemporânea, conjugado com um chamamento aos bons sentimentos (solidariedade, irmandade) também são temas presentes. O que parece faltar é uma economia política dos afetos – a nova mercadoria - e de sua produção cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BADINTER, Élisabeth. (1981). *L'Amour en plus : histoire de l'amour maternel (XVIIe-XXe siècle)*. Paris: Gallimard
- BARBALET, J.M. (Ed.) (2002). *Emotions and Sociology - Emotion, social structures and social theory – a moacrossociological approach*. London: Blackwell
- BEAUVOIR, Simone. (1970). *O segundo sexo*, vol 1 – fatos e mitos. São Paulo: Difel.

aos doentes e aos idosos da família. 9. Porque em cada 10 lares, não existem ocorrências de violência graves onde as vítimas são em 95% dos casos mulheres e crianças. 10. Porque a sexualidade entre adultos deveria originar prazer recíproco e não devia ser utilizado para palavras e ações para magoar ou sujar. 11. Porque toda a mulher já sofreu insultos na rua, no carro. 12. Porque a publicidade representa demasiada vezes de uma forma degradante as mulheres, bem como as relações entre homens e mulheres. 13. Porque no mundo, em cada ano dois milhões de raparigas submetidas a mutilação genital e vem aumentar o número de 100 milhões de mulheres que sofreram desta prática. 14. Porque apelamos a resistir a violência do sistema machista que exalta uma virilidade brutal que menospreza os seres diferentes: mulheres, crianças, homossexuais. 15. Porque em alguns países a vontade política e o trabalho das mulheres já conseguem mudar mentalidades, no Canadá ou na Europa do Norte por exemplo. 16. Porque somos solidárias com as mulheres e moças que, aqui ou algures, são maltratadas, humilhadas, insultadas, violentadas, violadas. 17. Porque “ o feminismo nunca matou ninguém e que o machismo mata todos os dias” (Benôite Groult). 18. Porque pedimos que uma lei contra o sexismo seja o modelo da lei francesa anti-racista de 1972, afim que os delitos e os crimes sexistas sejam reconhecidos como tal e punidos. 19. Porque aspiramos o ideal republicanos de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, porque poderíamos substituir fraternidade por uma nova palavra *adelphité** para exprimir melhor a ideia de uma solidariedade harmoniosa entre todos os humanos, mulheres e homens. 20. Porque “ a utopia de hoje é a realidade amanhã”. (Victor Hugo). 21. Porque “Encore Feministe” representa mais de 3136 pessoas feministas e orgulhosas de o ser, em 44 países.” Tal como nós se quiseses te juntar a elas, basta te registrar neste seguinte endereço. <http://encorefeministes.free.fr/index.php3>.

- BENDELOW, Gillian & WILLIAMS, Simon. (2005). *Emotion in social life*. London: Routledge -Taylor And Francis.
- BERGSON, Henri (1913). *Le Rire*. Paris: Felix Alcan.
- BERNE, Eric (1980). *What do you say after you say hello?*. Toronto: Bantam Books
- CHAUÍ, Marilena (1987). "Sobre o Medo". In *Os sentidos da paixão (1987)*. Sergio Cardoso et al. Rio de Janeiro: Funarte - São Paulo: Companhia da Letras, p 35 – 75
- CHAUÍ, Marilena (1995). *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática
- CHIVA, Vandana (1991). *Staying alive – women, ecology and development*. London: Zed Books
- COLLINS, Randall. (1981). *On the microfoundations of macrosociology*. *American Journal of Sociology* 86 (5), pp 984-1014
- COSER, Lewis (1967) *Continuities in the study of social conflict*. New York: Free Press
- COSER, Lewis B. & HOLDHEIM, William W.(1994). *SCHELER -Ressentiment*. Tradução e Introdução de Lewis B. Coser e William W. Holdheim . Milwaukee: Marquette University Press Milwaukee Wisconsin
- DAMASIO, Antonio (1996). *O erro de Descartes*. São Paulo: Companhia das Letras.
- DAMASIO, Antonio (2003). *Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- EKMAN, Paul (2003). *Emotions Revealed: Recognizing Faces and Feelings to Improve Communication and Emotional Life*. NY: Times Books
- FIALHO, C.E. As mulheres e a cidade de Sonia Coutinho. Em Wanderley, M.C. *Mulheres – prosa de ficção no Brasil 1964 – 2010*, Rio de Janeiro: Ibis – FAPERJ, 2011, pp. 89 – 98.
- FIRESTONE, Shulamith (1970). *A dialética do sexo*. Rio de Janeiro: Labor do Brasil
- FREUD, Sigmund. (1981). *El mal estar en la cultura*. Madrid: Biblioteca Nueva vol III, pp 3017 – 3067.
- FRIEDAN, Betty. (1971) *Mística feminina*. Petrópolis: Vozes
- FOUCAULT, Michel (1978), *História da Sexualidade II*. Rio de Janeiro: Graal, p. 78.
- GOLDMANN, Lucien (1964). *Pour une sociologie du roman*, Paris, Gallimard
- GORDON, Steven L. (1981). "The Sociology of Sentiments and Emotion". In Marris Rosenberg & Ralph H. Turner (eds.) *Social Psychology – sociological perspectives*, New York: Basic Books
- GOULDNER, Alvin (1970). *The coming crisis in western sociology*. NY: Basic books.
- HELLER, Agnes (2009). *Theory of Feelings*. London: Lexington/SAGE (1st ed Van Gorcum, 1979)
- HELLER, Agnes (1970). *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra
- HERCULANO, Selene & PITANGUY, Jacqueline (1993). "Medio ambiente: un asunto político". *Isis Internacional*. , v.18, p.72 – 82.

- HERCULANO, Selene & CHRISTEN, C., HOCHSTETLER, Katryn, PRELL, R., PRICE, M., ROBERTS, J. T.(1998). "*Latin American Environmentalism: comparative views*". Studies In Comparative International Development, v.33, p.58 – 87
- HOCHSCHILD, Arlie E. (1977) *Emotion work, feeling rules and social structure*. American Journal of Sociology 85, 1977, November, pp 551- 575
- KEMPER, Theodore (1981). *Social constructionist and positivist approaches to the Sociology of Emotions*. American Journal of Sociology, vol 87 nº 2, September 1981, pp 337- 362
- KEMPER, Theodore (ed.) (1990). *Research agendas in the sociology of emotions*. Albany: New York Press.
- LEBRUN, Gérard. (2006). *A Filosofia e sua história*. São Paulo: Cosac-Naify
- LYOTARD, Jean-François. (1979). *La condition postmoderne*. Paris: Minuit
- MAFFESOLI, Michel. (1984) *A conquista do presente*. Rio de Janeiro: Rocco
- MILLET, Kate. (1970). *La politique du male*. Paris: Ed. Stock, pp 51.
- MITCHEL, Juliet. (1979). *Psicanálise e feminismo: Freud, Reich, Laing e mulheres*. Belo Horizonte: Interlivros.
- NIETZSCHE, Friedrich (1987). *Para além do bem e do mal*. São Paulo: Abril Cultural/Os Pensadores
- PARETO, Vilfredo.(1984). *A Sociologia de Pareto*. José Albertino Fernandes (org.) São Paulo: Ática
- PIXLEY, Jocelyn (2004). *Emotions in Finance*. Cambridge: Cambridge University Press.
- RIBOT, Théodule Armand. 1915. *Essai sur les passions* Paris: Alcan
- ROSENBERG, Morris & TURNER, Ralph (1981). *Social Psychology – sociological perspectives*. New York: Basic Books
- ROSSET, Clément (1989). *A Lógica do pior*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo
- ROUANET, Sérgio Paulo. (1993). "*Iluminismo ou barbárie*". In ROUANET, S.P. *Mal-estar na modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SCHACHTER, S. & SINGER, J. E. (1962). *Cognitive, Social, and Physiological Determinants of Emotional State*. Psychological Review, 69(5), 379-399
- SHILLING, Chris. (2005). *The two traditions in the sociology of emotions*. In BARBALET, J.M. (2002), pp. 10 – 32..
- SHOTT, Susan (1979). *Emotions and social life: a symbolic interactionist analysis*. American Journal of Sociology 84, May 1979, pp. 1317-1334
- STETS, Jan & TURNER, Jonathan H. (2007) *Handbook of the sociology of emotions*. New York: Springer, 2007.
- TURNER, Jonathan H.& STETS, Jan (2005). *The Sociology of Emotions*. Cambridge: Cambridge Univ. Press

www.professores.uff.br/seleneherculano

WANDERLEY, Márcia Cavendish. Mulheres: prosa de ficção no Brasil – 1964- 2010. Rio de Janeiro: Ibis – FAPERJ, 2011.